

Tessituras dialógicas e narrativas de si de duas professoras do interior do Amazonas: formação acadêmica no PARFOR em Urucará/Amazonas

**Fernanda Priscila Alves da Silva^{1*} , Maria Silvana Silva dos Santos²,
Neila Anjos Marques³**

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compartilhar as narrativas de si de duas professoras participantes da Política Nacional de Formação de Professores do Magistério da Educação Básica (PARFOR), em Urucará, interior do Amazonas. Partindo da compreensão acerca da importância da política educacional que garanta a formação de professores em seus mais diversos âmbitos, entendemos neste texto, a formação de professores fomentada pelo PARFOR/UFAM, no curso de Pedagogia realizado na cidade de Urucará/AM. Em termos metodológicos e epistemológicos esta pesquisa consiste em um estudo de abordagem qualitativa em educação, tendo como referência, sobretudo as narrativas (auto)biográficas como fonte e método de investigação científica e processo de narrar sobre si, os seus e seu mundo, considerando a trajetória de vida e trajetória educacional. Partimos da perspectiva da Pesquisa (auto) biográfica, pedagogia e psicologia crítica tendo as narrativas de formação como metodologia de investigação e prática formativa.

Palavras-chave: Formação de professoras, Territorialidade, Região Norte, (Auto)biografia.

Dialogical textures and self-narratives of two teachers from the interior of Amazonas: academic training in the PARFOR program in Urucará/Amazonas

ABSTRACT

This article aims to share the self-narratives of two teachers participating in the National Policy for Teacher Training for Basic Education (PARFOR) in Urucará, in the interior of Amazonas state. Based on the understanding of the importance of an educational policy that guarantees teacher training in its most diverse contexts, this text considers the teacher training promoted by PARFOR/UFAM in the Pedagogy program held in Urucará, Amazonas state. In methodological and epistemological terms, this research consists of a qualitative approach in Education, considering, above all, (auto)biographical narratives as a source and method of scientific investigation and a process of narrating about oneself, one's loved ones, and one's world, considering one's life and educational trajectory. We begin from the perspective of (auto)biographical research, pedagogy, and critical psychology, using teacher training narratives as a research methodology and formative practice.

Keywords: Teacher training, Territoriality, Northern Region, (Auto)biography

¹ Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEdU/C/UNEB. Mestrado em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEdU/C/UNEB. Mestrado em Teologia pelo PPGEST. Bacharel em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Teologia de Juiz de Fora. Membro e pesquisadora do Grupo de pesquisa: Educação, desigualdades e diversidades (PPGEdU/C/UNEB). Membro e Pesquisadora do Grupo de Estudos Família, (Auto)Biografia e Poética (FABEP), da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Membro e Pesquisadora do Encruzilhadas Amazônicas - Grupo Contracolonial de Pesquisa em Artes, Educação e Psicologia (EAGCPAEP). *Autora correspondente: feracatejo2@gmail.com.

² Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

³ Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).



Texturas dialógicas y autonarraciones de dos docentes del interior de Amazonas: formación académica en el programa PARFOR en Urucará/Amazonas

RESUMEN

Este artículo busca compartir las autonarrativas de dos docentes participantes de la Política Nacional de Formación Docente de Educación Básica (PARFOR) en Urucará, en el interior del estado de Amazonas. Con base en la comprensión de la importancia de una política educativa que garantice la formación docente en sus más diversos contextos, este texto considera la formación docente promovida por PARFOR/UFAM en el programa de Pedagogía impartido en Urucará, Amazonas. En términos metodológicos y epistemológicos, esta investigación consiste en un enfoque cualitativo en Educación, considerando, sobre todo, las narrativas (auto)biográficas como fuente y método de investigación científica y el proceso de narrar sobre uno mismo, los seres queridos y el propio mundo, considerando la trayectoria vital y educativa. Partimos de la perspectiva de la Investigación (Auto)biográfica, la pedagogía y la psicología crítica, utilizando las narrativas de formación docente como metodología de investigación y práctica formativa.

Palabras clave: Formación docente, Territorialidad, Región Norte, (Auto)biografía.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância da Política Nacional de Formação de Professores do Magistério da Educação Básica (PARFOR) na formação de professores da turma de Licenciatura em Pedagogia/PARFOR da UFAM em Urucará/AM. Compartilhamos as narrativas e escritas de si de duas professoras que realizaram essa formação, partindo da compreensão acerca da relevância da política educacional que garanta a formação de professores em seus mais diversos âmbitos.

A discussão sobre formação de professores tem sido discutida no Brasil por diversos autores e autoras (Gatti, 2010; Nóvoa, 2012; Marli *et al.*, 1999; Saviani, 1999) demonstrando um debate cada vez mais necessário e importante no campo da educação. Desde a reforma das Licenciaturas em 1986, durante a Reforma Universitária - Lei nº 5.540 tal debate aponta a intensificação acerca da importância da formação de professores visando uma maior qualificação destes profissionais da educação no acompanhamento dos processos educacionais, considerando, sobretudo os desafios da educação na contemporaneidade. De acordo com Oliveira; Borges; Silva e Nascimento (2022, p.81), as Políticas Públicas para a formação docente devem “considerar as características que envolvem todas as regiões do Brasil, levando em conta a cultura, a língua, os costumes, os instrumentos disponíveis, as condições climáticas, os povos originários”.

A partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o decreto de nº 7.415/10 institui a política nacional de formação dos profissionais da educação básica que dispõe sobre o programa de formação inicial em serviço dos profissionais da educação básica dos sistemas de ensino público. Em 2009, através do Decreto Federal nº





6.755, o Ministério de Educação (MEC) instituiu a Política Nacional de Formação dos Profissionais do Magistério da Educação Básica organizando a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no fomento a programas de formação inicial e continuada (Brasil, 2009). Neste processo, a PARFOR foi construída tendo como perspectiva a promoção e oferta de educação superior gratuita para professores da educação básica que já se encontram em exercício profissional em seus territórios e realidades.

Partindo da compreensão acerca da importância da política educacional que garanta a formação de professores em seus mais diversos âmbitos, consideramos neste texto, a formação de professores fomentada pela PARFOR/UFAM, no curso de Pedagogia realizado na cidade de Urucará/AM. De que maneira a PARFOR contribui para a formação profissional e humana destes professores? Quais são as narrativas de si, histórias de vidas destes professores?

Em termos metodológicos e epistemológicos este texto consiste em uma pesquisa de abordagem qualitativa em educação, considerando, sobretudo as narrativas (auto)biográficas como fonte e método de investigação científica. Partimos da perspectiva da Pesquisa (Auto)biográfica, propondo diálogos entre pedagogia e psicologia crítica tendo, portanto, as narrativas de formação enquanto metodologia de investigação e prática formativa. Consideramos, portanto, as vozes de duas professoras, sobretudo a partir de dois eixos: história de vida e formação em pedagogia, sobre quais os significados e sentidos da formação acadêmica em pedagogia em uma universidade pública.

No prefácio do livro *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*, organizado por Passeggi e Silva (2010, p. 07), Denice Catani retoma uma pergunta feita por Derrida no ano de sua morte: “Como aprender a viver?” e afirmar: “Aprender a viver é amadurecer, e também educar: ensinar aos outros, sobretudo a si mesmo.” A retomada desta pergunta nos recorda o caminho trilhado e do qual pretende-se por ora compartilhar neste artigo/memória/texto das vozes e narrativas de duas professoras atuantes no interior do interior do Amazonas. Seus relatos reverberam modos de viver (Santos, 2023) e forma onde a vida é aprendida e tecida em contextos encharcados pelos movimentos do rio. Aprender a viver e construir os caminhos de si e as trilhas educacionais de quem se faz docente na zona rural do Baixo e Médio Amazonas.

Desse modo, a utilização das narrativas de formação, histórias de vida e memória como procedimento de investigação está ancorado em trabalhos centrados na abordagem





experiencial Josso (1988), Nóvoa (1995), Catani (1997, 1998, 2000). Nestas perspectivas a escrita narrativa remete ao sujeito uma dimensão de auto-escuta, de modo que ao contar e narrar o sujeito se posiciona desde o lugar de reconhecimento das próprias experiências e aprendizagens construídas ao longo da vida e diante do processo de conhecimento de si (Souza, 2004).

Entende-se que a PARFOR foi construída tendo como perspectiva a promoção e oferta de educação superior gratuita para professores da educação básica que já se encontram em exercício profissional em seus territórios e realidades. Neste sentido, nos questionamos: de que maneira a PARFOR contribui para a formação profissional e humana destas professoras? Quais são suas narrativas de si, histórias de vida e formação? Como as professoras significam os caminhos e percursos formativos trilhados durante a formação ofertada pela PARFOR? O estudo ancora-se nas pesquisas de cunho (auto)biográfico em sua relação com a formação de professores.

A reflexão sobre o processo de formação e os aprendizados que a formação na PARFOR traz nos permite considerar o exercício da docência articulado com as representações produzidas por cada sujeito em seu processo formativo. Pesquisadores e estudiosos/as da pesquisa (auto)biográfica (Souza; Passeggi, 2008), tem apontado que as histórias de vida e de formação de educadores/professores são de grande relevância e contributos importantes para a compreensão da história da educação e do processo educativo. Desse modo, quando professoras relatam sobre suas trajetórias, histórias de vida, percepções do processo educativo, ensino-aprendizagem, formação profissional vislumbram-se olhares diferenciados e múltiplos sobre a formação e o caminho educativo e profissional trilhado. Assim,

as trajetórias sociais, os percursos formativos, as opções políticas, religiosas, culturais e educativas dos educadores tornam-se centrais para a investigação em educação, na medida em que facultam novas compreensões, entendimentos, interpretações, definições e novos objetos de análise para o estudo da história da educação (Souza; Almeida, 2013, p.41).

No campo educacional, a reflexão sobre as histórias de vida em formação, narrativas de si tem desvelado a importância de considerar o sentido existencial de cada sujeito, mesmo quando considerando o aspecto profissional. Nóvoa (1995, p.07) aponta que nas pesquisas em educação, é necessário considerar a relação entre a experiência pessoal e profissional: “hoje, sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional”. Segundo Delory-





Momberger (2008, p. 58), este processo de narrativa de si trata-se da experiência biográfica do sujeito que “é igualmente o lugar da experiência e de produção da identidade do eu”

Neste sentido, consideramos como fundamental neste processo a reflexão sobre a formação de professores, os significados e sentidos da PARFOR no processo formativo e profissional destas professoras e a problematização acerca dos desafios e possibilidades de se pensar a formação de professores em contextos amazônicos, considerando, sobretudo a diversidade sociocultural e a disputa pela formação de políticas públicas no interior da política educacional brasileira, desde a perspectiva crítica e contra-hegemônica.

Territorialidades Amazônicas: o interior do Amazonas e seus encantos

Os modos de viver (Santos, 2023) na Amazônia e os saberes ancestrais (Kambeba, 2020), desvelam lugares distantes e próximos, a depender do ponto de onde se observa. O rio é a via de encontro de pessoas imersas no contexto rural no estado do Amazonas. No interior do interior. É neste cenário que ocorreram as aulas da PARFOR. O curso de pedagogia foi possibilidade de formação e aprendizados de professores que estão há muitos anos exercendo sua profissão na zona rural, em territorialidades Amazônicas. Neste contexto, professoras, no processo de construção do Trabalho de Conclusão de Curso, narram suas memórias, histórias e trajetórias de vida. As vozes destas professoras sujeitas e autoras deste texto nos mostram os modos de viver, as alegrias, lutas, labutas de quem vive lá do outro lado do rio. Assim, como nos ensinou bell hooks (2019), ecoar as vozes, em um processo de encontro com esta voz e história significa que “nós podemos falar” e a apropriação destas vozes, sobretudo, das vozes marginais reflete o ato de resistência, “um gesto político que desafia política de dominação que nos conservam anônimos” (hooks, 2019, p. 36).

Nestes territórios amazônicos, a proposição de escrita do Trabalho de Conclusão de Curso esteve pautada na perspectiva da escrita e narrativa de si. Observando os modos de viver, os aprendizados, o narrar sobre si, seu mundo, sua realidade de zona rural, e, sobretudo, os caminhos educacionais e formativos percorridos. Como andarilhas compartilhantes, entramos neste barco, e em um processo de escuta, escrevemos, ouvimos, choramos e sorrimos juntas.

A Amazônia profunda ultrapassa os limites físicos. Para Kambeba (2020, p. 13), é necessário escutar o rio e captar os saberes ancestrais que surgem nestes territórios. É preciso, portanto “ir escutar o rio além de se caracterizar como uma forma de intimidade e





territorialidade com o mundo das águas.” Na Amazônia, o território não é apenas o espaço geográfico ocupado, mas uma construção simbólica, afetiva e política, onde se expressam identidades, resistências e formas próprias de organização da vida. Falamos em terra firma e várzea/ floresta. A terra firme representa a estrada, o subsolo e já várzea, o rio e a floresta. Neste cenário, que se inscreve as narrativas das autoras, em uma cidade chamada Urucará.

A cidade de Urucará, localizada no médio rio Amazonas, às margens do rio Urucará (afluente do rio Paraná do Ramos), é um exemplo vivo dessa territorialidade complexa e dinâmica. Fundada oficialmente em 1932, mas com ocupação humana muito anterior, um território de encontros e permanências. Suas raízes estão ligadas às populações indígenas que originalmente habitavam a região, às comunidades ribeirinhas, aos descendentes de negros e negras trazidos durante o período colonial e aos migrantes nordestinos e andinos que se estabeleceram na região ao longo do tempo.

Em Urucará, o território é vivido em sua dimensão fluida – o rio é estrada, é fonte de alimento, é lugar de afeto e de espiritualidade. A cultura local é fortemente marcada pelas festas tradicionais, como o Festival do Açaí, pelas práticas de pesca, agricultura de subsistência e pelas expressões religiosas que misturam o catolicismo popular e as crenças ancestrais. A oralidade, os cantos, os modos de ensinar e aprender transmitem saberes que fortalecem a identidade local e o sentimento de pertencimento.

A territorialidade urucaraense também é marcada por desafios. As distâncias geográficas, o difícil acesso a políticas públicas de qualidade, os impactos das mudanças climáticas e os processos de invisibilização cultural afetam a vida cotidiana de seus habitantes. Ainda assim, a resistência se manifesta nas redes de solidariedade comunitária, na força das mulheres na educação e no cuidado, nas lutas pela terra e pelo direito à memória. Nesta distância encontramos falas e relatos sobre o direito à educação. Neila e Silvana, são duas professores e estudantes que encontram na PARFOR e possibilidade de formação.

Nesse sentido, pensar Urucará é pensar a Amazônia como um mosaico de territórios vivos, que dialogam com a floresta, com o rio, com as ancestralidades e com o presente. É reconhecer que há múltiplas Amazônias dentro da Amazônia, e a territorialidade amazônica não pode ser compreendida apenas por parâmetros urbanos ou ocidentais, mas a partir das práticas cotidianas, das narrativas de vida e dos vínculos afetivos que os povos da floresta constroem com seus lugares.

Narrativas de si: sobre quem somos – mulheres do interior do Amazonas





Buscamos neste momento apresentar as narrativas e escritas de si das professoras, também autoras neste artigo.

Neila dos Anjos Marques

Meu nome é Neila dos Anjos Marques, tenho 48 anos, sou natural do Estado do Amazonas, município de Urucará, nasci e resido no mesmo domicílio até este exato momento, sou a quarta filha de Antônio Pereira Marques (*in memoriam*) e Tarcila dos Anjos Marques, que me criaram com muitas dificuldades financeiras, no entanto, nunca faltou nada, principalmente as coisas básicas e sobretudo, os cuidados, carinho, educação e amor.

Posso dizer que nos primeiros anos de vida não me recordo de muita coisa, porém lembro-me que meu pai saia para trabalhar de manhã bem cedo na roça, minha mãe se levantava ainda mais cedo ainda, pois tinha que fazer nosso café da manhã, arrumar a casa, as roupas e seu trabalho eram de dupla jornada, pois fazia alguns trabalhos na roça juntamente com meu pai.

Além dos trabalhos comuns na roça, plantava o arroz, feijão, juta e ainda arrumava tempo para pescar, com isso trazia o alimento para seus filhos. Devido às nossas condições financeiras não serem boas na época, eu não tinha tempo livre para aproveitar minha infância, pois muitas vezes tinha que trabalhar para ajudá-los. Diante dessas circunstâncias, além de não ter tempo para brincar, tentava conciliar os estudos e o trabalho, pois tínhamos que ajudar também nas tarefas da roça e quem estudava pela manhã ia à tarde e assim seguimos com a vida.

No âmbito profissional, já trabalhei como agente de saúde, serviços gerais no Conselho Tutelar e em uma empresa da região, trabalhos esses que me deram oportunidades de entrar no mercado de trabalho, haja vista que em meu município há muita concorrência. Atualmente, trabalho na educação há sete anos como professora contratada e até esse momento estou lotada na Creche Escola Municipal Felisbella Paes de Oliveira.

Percorso formativo de uma professora no interior do Amazonas

Minha trajetória na educação iniciou na escola municipal Reunidos Tio Pedro e minha primeira atuação na Educação Infantil (jardim da infância) foi com a professora Maria de





Fátima Beltrão. Recordo-me desse período que brincava bastante na escola, tínhamos os momentos de pintura, arte com massas de modelar. A professora gostava de contar histórias e eu ficava atenta ouvindo-a, eram momentos bons nos quais me remetem a muitas lembranças.

Ao iniciar o Ensino Fundamental (antigo primário), a 1^a série foi na Escola Estadual Ramalho Júnior onde estudei até a 5^a série. As aulas eram todos os dias, mas não foi fácil, pelo fato de minha mãe e meu pai não terem tempo para me ajudar nas tarefas que iam para casa, mas isso não impedia de seguir com os estudos. Minhas dificuldades eram grandes, pois a professora não tinha muita paciência para ensinar, na verdade, na época era muito difícil para um professor conseguir trabalhar com crianças com vários níveis de aprendizado numa sala só. Nas salas sempre havia uma grande quantidade de alunos, nesse sentido os docentes ficavam impacientes com os estudantes.

Fiquei com traumas de matemática quando ingressei no fundamental, as aulas eram sobre pressão psicológica, funcionava a prática da palmatória para os alunos que erravam as continhas. Entendo que tudo isso fez parte de uma época tradicional nas escolas, dentro dessa perspectiva não me lembro de outros métodos que o professor fazia uso, somente eram esses que me trouxeram medos da matemática. Fazendo uma reflexão de tudo que já aprendi na faculdade e já pôde colocar em prática, a matemática pode ser bem leve e sem traumas.

Quando passei para a 6^a série, fui estudar na escola estadual Professor Lázaro Ramos e encontrei muitas dificuldades, pois já tinha que ter mais tempo para estudar e muitas vezes não entendia os assuntos e ficava com vergonha de perguntar, era tachada de burra e por isso ficava quieta em minha carteira, no entanto, mesmo com estes desafios fui seguindo adiante com os estudos. Os conteúdos não tinham nada a ver com o que via na outra escola. Hoje, sei que muitas das conversas com algumas colegas eram importantes, pois era nessa hora que podia perguntar e tirar algumas dúvidas. E assim continuei estudando até chegar ao magistério, então chegou a hora de ir para os estágios, mais uma fase para concluir.

Nunca tinha atuado como professora e sim como aluna, mas no magistério tive a oportunidade de estagiar anos iniciais, e ali comecei a pôr em prática minhas experiências, foi aí que começou a minha carreira como professora, mas como tudo tem sua primeira vez deu aquele nervoso. Acho também que, muitas vezes, do medo vem o nervoso, e confesso: comecei a acostumar e me adaptar em ser professora. Com o jeitinho meigo da turma, fui fazendo meu trabalho.

Fiquei grávida da minha filha Luana Cristina e assim neste mesmo ano (1995) em diante não podia estudar. Passei a cuidar dela e logo da educação dando todo suporte





necessário para seguir seus estudos. O tempo se passou e tive que trabalhar como Agente Comunitário de Saúde (ACS) por vários anos e assim, depois que ela se formou fizemos um curso técnico juntas, mas, confesso que já tinham se passado vários anos sem estudar, mesmo com todas os obstáculos consegui terminar. Havia em mim o desejo de voltar a estudar e tornar-me professora.

E logo em seguida tive a oportunidade de trabalhar como professora. Lembro que no meu primeiro dia de trabalho ao chegar à escola toda nervosa, veio uma professora com a seguinte fala: “não sei o que essa pessoa faz aqui, pois tem apenas o magistério”, fiquei sem chão naquela hora, no entanto pensei comigo mesma, “se eu estou aqui é porque sou capaz e vou dar tudo de mim para o aprendizado das minhas crianças” e fui para sala de aula.

Confesso que as primeiras semanas não foram fáceis, mas busquei ajuda nos livros, era uma turma de 28 alunos e falei para mim mesma que seria capaz e iria alfabetizar aquelas crianças. E assim, segui em frente, busquei diversos métodos: fazia jogos, cartazes, e quando chegou no meio do ano letivo fui comunicada que na escola tinha o projeto de leitura. Naquele momento me desafiei ainda mais e juntamente com as crianças fomos criando brincadeiras e formas de ensinar e aprender. Mesmo sem saber teoricamente sobre jogos lúdicos, mas com intuito de ensinar os estudantes, fazia o que estava em meu alcance para as crianças aprenderem.

Nenhuma criança brinca só para passar o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas e ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos (Gardneiapud Ferreira; Missie; Bonadio, 2004). Brincar permite a criança adentrar um mundo imenso de possibilidades. Brincar é o grande ofício das crianças.

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque educação não é o processo, cujos resultados podem ser totalmente pré-definidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos de correntes de uma ação puramente mecânica e impensável. Devemos, pois, planejar a ação educativa para o homem não impondo-lhe diretrizes que o alheiem. Permitindo, com isso que a educação, ajude o homem a ser criador de sua história.

No ano de 2019, fui contratada novamente e lotada em uma série diferente, já não tive tanta dificuldade na sala de aula e sempre procurando dar o melhor de mim para ensinar com amor, carinho, paciência, que é fundamental, primordial para desenvolver um trabalho eficaz com as crianças. E os desafios não pararam, fui chamada para trabalhar como apoio na





educação especial, uma turma onde para muitos é só mais um na sala de aula deixado no canto da sala. Pedi forças de Deus a fim de ter sabedoria para trabalhar com essas crianças, isso por ser somente ajudante da professora titular, confesso que foi muito bom, como sempre dei tudo de mim novamente, gostei da nova experiência.

Em 2020, para minha surpresa fui chamada para trabalhar novamente na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE) fiquei muito feliz, porque você cria amor por elas e são crianças muito carinhosas, mas também tem aquelas que tinham muitas dificuldades de se socializar com as outras crianças. Nesses casos, necessitávamos do apoio dos familiares. Com o tempo fomos ganhando a confiança das crianças e dos pais e com o apoio do motorista que tem muita paciência na condução delas. É um parceiro!

Assim vou seguindo na minha carreira de professora, já fui para educação infantil, trabalhei por dois meses e fui transferida para educação especial novamente, espaço onde percebo a importância de minha presença. Por isso, já fiz alguns cursos como por exemplo libras para me aperfeiçoar.

Outro momento desafiador foi para ingressar na tão sonhada faculdade foram muitas lutas enfrentadas para conseguir uma vaga, tive que concorrer com várias pessoas em um processo seletivo, mas com a ajuda do professor João Batista que sempre me ajudou com as atualizações do *e-mail*. Não podia perder a oportunidade, até que certo dia saiu a lista das pessoas e meu nome estava lá, chegou a hora da entrega das documentações para concorrer uma vaga para o curso de licenciatura em Pedagogia. Enfim, saiu a lista oficial onde fui aprovada para cursar Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM/PARFOR) no município de Urucará.

Comecei o curso aos 48 anos. Iniciei sabendo que a batalha não seria nada fácil, já tinha em mente que ia ser de muita correria. E assim, o curso teve início em 20 de julho de 2019, com uma aula inaugural no município de Urucará. Novas situações e olhares que me fizeram enxergar e descobrir um novo mundo para no futuro ser uma profissional qualificada, com uma boa formação e preparada para pôr em prática todo conhecimento adquirido nessa trajetória acadêmica. Tenho o desejo de melhorar profissionalmente e atualizar meus conhecimentos na área da educação para contribuir com o meu município.

A formação de professores profissionais para a educação básica tem que partir de seu campo de prática e agregar a este os conhecimentos necessários selecionados como valorosos, em seus fundamentos e com as mediações didáticas necessárias, sobretudo por se tratar de formação para o trabalho educacional com crianças e adolescentes (Gatti, 2010, p. 1379).





O processo educacional é complexo, marcado pelas variáveis pedagógicas e sociais, tais variáveis não podem ser analisadas fora da interação dialógica entre a vida e a escola, ou seja, considera o conhecimento, a cultura e o desenvolvimento do aluno. O Currículo Escolar está sempre em construção e os seus resultados devem ser acompanhados para melhorá-los, pois todo projeto necessita de práticas. Bem, para entendermos o que é currículo precisamos conhecer os fundamentos filosóficos e sociopolíticos educacionais, além de estar ciente dos acontecimentos teóricos, técnicos e tecnológicos que referenciam a educação em sala de aula.

Maria Silvana Silva dos Santos

Minha trajetória tem fatos dolorosos e felizes; datas, nomes e interação de tempo. Ela não pode ser negada nem esquecida, porque hoje me faz compreender bem o meu presente. Meus pais eram pessoas iletradas, muito humildes, porém seres humanos honestos e trabalhadores, que faziam de tudo para não faltar alimentos para seus 12 filhos, quatro mulheres e oito homens, sou a sexta filha. Meu pai era pescador, minha mãe agricultora, tenho muito orgulho deles e das minhas raízes. Vou relatar um pouco sobre minhas experiências vivenciadas durante a infância. Mesmo com tantos irmãos, com tantas dificuldades e falta de recursos, meus pais não deixaram faltar amor.

Vivi meus primeiros cinco anos de vida com meus pais, quando completei seis anos fui morar com meus avós paternos. Minha avó era uma pessoa com deficiência visual e vivia em uma comunidade ribeirinha muito carente chamada Sororoca. Fiquei dois anos morando com eles, foram dois anos de muitas tristezas e angústias. Nesse período, fui aliciada por um membro da família do meu avô. Era apenas uma criança indefesa, sem ter voz, então só chorava. Isso deixou uma marca na minha alma e no meu psicológico.

Segundo a cartilha sobre Violência Sexual contra Criança e adolescente, muitas vezes o abuso sexual vem acompanhado de vários tipos de traumas que a vítima sofre em casa, como a negligência. Uma criança que passa horas sem supervisão ou que não tem apoio emocional de uma família ou responsáveis estará em situação de maior vulnerabilidade.

No ano seguinte, em 1984, voltei morar com meus pais. Quando completei oito anos contei para minha mãe o que havia acontecido, mas ela não me ouviu. Nesse ano achava que iria estudar, porém, minha mãe me levava para a roça com meus outros irmãos, ajudando nas plantações e colheitas de feijão, arroz, café e mandioca. Trabalhávamos das 6h da manhã às 17h da tarde, chegávamos em casa por volta das 18h30min só para tomar banho, jantar e ir





dormir, pois não havia luz elétrica em casa. Usávamos lamparina artesanal. Isso se repetia todos os dias.

O trabalho infantil é um fenômeno social complexo motivado por diferentes causas, mas talvez a razão principal seja a necessidade de crianças e adolescentes ajudarem seus pais no sustento da família. Isso acabou gerando inconscientemente uma cultura do trabalho precoce; para, além disso, esse fenômeno dificulta, em muitos casos, o acesso de crianças e adolescentes à escola; má qualidade da educação formal; e baixa escolaridade dos pais (MDS, 2015. p. 127).

Nos finais de semana, ajudava minha irmã mais velha a levar café ou então ia para a casa de farinha descascar mandioca, aproximadamente 30 sacos. Gostava de fazer esse trabalho. Lembro-me que no ano de 1986, eu iria à escola, mas infelizmente isso não aconteceu. Num certo domingo fui com meu pai e meus irmãos mais velhos para um campeonato de futebol de campo na nossa comunidade. Minha saudosa mãe ficou com meus dois irmãos mais novos em casa. Por volta das 18h30, quando estávamos voltando para casa, avistamos de longe chamas e muita fumaça na direção da nossa casa. É a pior cena que uma criança aos oito anos pode visualizar de seu lar. Tudo foi destruído pelo fogo em questão de minutos. Eu gritava e chorava muito. Ficamos apenas com as roupas do corpo, pois tudo queimou e não sobrou nada.

Meu pai tentou emprestar redes e cobertores para nós, contudo não conseguiu o suficiente. Então, ele improvisou uma cama com folhas de bananeiras no chão para nós. Mais uma vez fui tocada por um membro da minha família na escuridão da noite. Expus à minha mãe, todavia, ela não acreditou, o que me deixou com traumas.

Durante dois meses, passamos a morar debaixo de uma mangueira até que a nossa nova casa pudesse ficar pronta. Não tínhamos materiais para ir à escola, então foi mais um ano sem estudar, triste realidade. Minha mãe estudou até a quarta série, porém, mesmo com pouca instrução/escolarização ela me ensinava algumas coisas, por exemplo, escrever meu nome no chão, me ensinava as vogais, o ABC que era chamado o Alfabeto. Concordo com a letra da música “Gentileza” de Marisa Monte: Incendiou tudo e o fogo não deixou nada, senão só cinza.

Apagaram tudo. Pintaram tudo de cinza

A palavra no muro ficou coberta de tinta. Apagaram tudo

Pintaram tudo de cinza

Só ficou no muro tristeza e tinta fresca. Nós que passamos apressados





Pelas ruas da cidade

Merecemos ler as letras e as palavras de gentileza. Por isso eu pergunto a você no mundo

Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria O mundo é uma escola

A vida é um circo "Amor" palavra que liberta

Já dizia o profeta. Apagaram tudo. Pintaram tudo de cinza

Só ficou no muro tristeza e tinta fresca. Por isso eu pergunto a você no mundo

Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria. O mundo é uma escola

A vida é um circo Amor palavra que liberta

Já dizia o profeta

Sobre ir à escola e acessar a educação: direito de todas as pessoas

No ano seguinte, aos nove anos de idade, fui pela primeira vez à escola. Que felicidade! E vergonha! Estudei numa sala multisseriada de 1^a a 4^a série (nomenclatura da época), minha primeira professora Francisca Paes. Eu faltava muita às aulas, devido ao trabalho da roça, no entanto, meu sonho de ser professora estava brotando em meu coração. Falava com muito entusiasmo para meus colegas “vou ser professora”. Todos riam de mim e diziam: “primeira vez que estar estudando já quer ser professora”.

Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas. Para isso existem as escolas; não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas, as respostas nos permitem andar sobre terra firme, contudo, somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido. A reflexão de Paulo Freire: “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho qual se pôs a caminhar” (1992, p.155).

Quando completei meus 11 anos fui morar na sede do município de Urucará, minha cidade natal, com uma professora chamada Clara. Ela me adotou como filha, segundo ela, mas não foi o que aconteceu. Tornei-me nesse tempo uma doméstica, fazendo de tudo, menos estudar. Além disso, ela só me ensinava à noite, então não conseguia aprender nada, porque já estava exausta. Acordava às 5h manhã para fazer as atividades que estavam no caderno, antes de começar o trabalho doméstico. Ela resolveu montar outra sala multisseriada com outras meninas do interior que trabalham em casas de pessoas ricas, porém não estudavam.

Em 1990, Dona Clara matriculou-me na escola pública estadual Ramalho Júnior, localizada à Rua Coronel Pinto, no bairro de São José, sendo a primeira vez que frequentei uma escola bem estruturada, com mais de 400 alunos e 30 professores. A turma tinha mais de 40 alunos, o professor era muito rígido e tradicional, não nos permitindo sair da sala para





descanso. Éramos obrigados aprender tabuada das quatro operações e memorizar questões de Ciências, História e Geografia para demonstrar e escrever. Fora que tínhamos que decorar e fazer sabatina e quem não acertasse apanhava dos colegas com palmatória. O professor permitia que se batesse com força ou então ficaria de rosto virado para parede, então, me esforçava muito para decorar, para não apanhar.

Esse modelo de ensino reforça a concepção de que o professor por ser detentor de conhecimentos é uma autoridade inquestionável. Percebia que éramos apenas ouvintes e com isso o professor tinha dificuldades de identificar qual aluno havia aprendido ou não os conteúdos. Além disso, o silêncio, imposta pelo docente, era constante na sala de aula. Esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas, presente desde o século passado.

Em 1991, meu pai foi diagnosticado com câncer de fígado, minha mãe foi até a casa de dona Clara e levou-me para Manaus para ajudar cuidar dele, seu tratamento foi de um ano e seis meses, então, mais uma vez meus estudos foram interrompidos. Em 1993, com 15 anos de idade, meus pais voltaram para o interior e graças a Deus ele foi curado. Então, consegui um trabalho de babá na residência de um policial. Não perdi tempo e logo me matriculei na escola estadual Professor Lázaro Ramos para cursar a 5^a série. Foi mais uma etapa concluída em minha vida. Aos 16 anos conheci meu atual marido Jonas Mendonça Melo, namoramos oito meses e fomos morar juntos. Comecei estudar em 1994, porém aos cinco meses engravidei da minha primeira filha, Anny Melo.

Nesse período, dediquei-me exclusivamente à criação da minha filha, depois veio a segunda filha: Juliane Melo e um ano e meio depois a terceira: Raquel Melo. Tornei-me mãe aos 17 anos, mas não me arrependo, pois minhas filhas são bençãos em minha vida. Dei a elas todo o cuidado, amor e oportunidade de fazer o que não pude na minha infância. Minha família é meu bem mais valioso, um presente Divino. Por isso, permitir que minhas filhas crescessem e vivessem suas vidas com liberdade, e com muito amor.

Os anos passaram e não consegui concluir o Ensino Fundamental, porque estava somente cuidando das minhas amadas filhas. Um dia falei para mim mesma: “volte a estudar! Você pode e consegue!”. Em 1998, fiz a 6^a série na escola estadual Ramalho Júnior e terminei o ano com muita vontade de não parar. Meu sonho de ser professora não tinha morrido, estava somente adormecido dentro de mim. Infelizmente, adoeci muito, e tive que operar de apêndice que já estava estourada dentro de mim e com isso não pude estudar por dois anos. Foram muitas lutas e desafios, entretanto, venci todos através da oração e fé. Faço uma





reflexão sobre nunca parar, se não deu certo hoje é respirar, erguer a cabeça, e recomeçar tudo de novo.

Em 2002, me formei na escola municipal Felisbela Paes de Oliveira. Turmas de pessoas que não conseguiram concluir o curso de magistério, por diversos motivos e desafios. Como sou uma pessoa persistente, não perdi tempo e essa experiência foi muito marcante na minha trajetória escolar. Meus colegas tinham entre 20 e 40 anos. Ou seja, pessoas adultas, pais e mães de família, assim como eu, muitos não puderam estudar quando crianças ou jovens. No entanto, tivemos uma ótima turma, responsável e dedicada. Foi como pensou Lourenço Filho “quem pretende ensinar a adultos, como as crianças, precisarão conhecer, por pouco que seja os processos de aprendizagem e os princípios gerais da didática, mas estes ainda não bastam, há na verdade, uma pedagogia especial para adultos” (1955, p.180).

Os nossos professores eram ótimos, sempre nos apoiaram durante a jornada e por isso não posso deixar de citar seus nomes: Professor João Batista Marques, Claudionor Soares e Valdino Castro, foram inspiração para nós. Não obstante as dificuldades, os trabalhos e responsabilidades, à noite estávamos juntos para conquistar nosso sonho, isso se tornava ainda mais desafiador para nós, entretanto, a turma permaneceu unida e concluímos o Ensino Fundamental – Anos Finais em 2003.

No ano de 2004, uma nova fase estava se iniciando na minha trajetória escolar, pois estava continuando meus estudos no Ensino Médio na escola estadual Professor Lázaro Ramos situada no bairro de Santa Luzia. Uma linda escola com 12 salas e 20 professores, mais de 700 alunos nos três horários, matutino, vespertino e noturno, estudava no último horário. Foi novamente desafiador, pois eu trabalhava durante o dia como diarista e chegava em casa muito cansada. No entanto, não podia desistir, não podia parar, pois meu objetivo era concluir o Ensino Médio.

Em março 2007, iniciei no meu primeiro emprego formal como Agente Comunitária de Saúde (ACS). trabalhei por um ano e meio, obtive muitas aprendizagens e experiências nesse campo da saúde que levarei para a vida toda. Posso afirmar que descobri o valor desse profissional da saúde para a sociedade. Ele tem um papel muito importante no acolhimento, pode ser considerado um elo entre a saúde pública a população. Nesse período fiz vários cursos na área de saúde, com isso surgiu um novo sonho: me especializar nessa área. Porém, o prefeito que tinha me contratado não ganhou a reeleição e todos os funcionários contratados foram exonerados, inclusive eu. Contudo, agradeço a Deus, porque em 2008 fui chamada para trabalhar na escola municipal Felisbela Paes como cozinheira, onde trabalhei por três anos.





Em 2017, fiz o seletivo para fazer o Curso de Nível Técnico em Enfermagem pelo Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM), e passei, mais uma conquista na minha vida. O Técnico de Enfermagem é responsável pela atuação em funções básicas da manutenção e prevenção da saúde nas Unidades Básicas de Saúde (UBSs) e Unidades Hospitalares.

Nesse mesmo ano, em fevereiro, fui chamada pelo prefeito eleito para atuar como professora na Educação Infantil no Anexo da Escola Municipal Felisbella Paes de Oliveira. No primeiro momento hesitei, pois não tinha experiência nenhuma em sala de aula. Refleti muito antes de aceitar essa proposta, em razão de não possuir formação, nem mesmo o magistério. Mas meu esposo me chamou e disse você é capaz, você consegue! Essas palavras me encorajaram e me incentivaram para assumir a turma com 42 alunos da faixa etária de cinco anos. Não sabia por onde começar, então resolvi pedir ajuda de uma professora mais experiente e ela me orientou sobre como fazer minhas anotações e planos de aulas.

Como relatei acima, iniciar um trabalho de docência sem formação e experiência é muito complexo. Mas quando desejamos conhecer algo desconhecido é necessário pesquisar, questionar, buscar conhecimento e base, e foi exatamente o que fiz.

Em março de 2018 ano, fiz minha inscrição para fazer o vestibular da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), passei e comecei a cursar Licenciatura em Pedagogia na modalidade EaD. No entanto, no terceiro período, as mensalidades estavam muito acima do valor inicial, ou seja, ficando cada vez mais caras, por isso estudei até o mês de agosto de 2018. No dia 23 de agosto de 2018, houve a retificação do edital do processo seletivo da PARFOR. Segundo o comunicado do secretário de educação, pedia que todos levassem seus documentos aos professores da UFAM representantes do processo simplificado, que já estavam na cidade para receber nossos documentos. Foi uma emoção muito grande, pois ainda demorou para sair o resultado das inscrições. Graças ao Eterno, quando saiu meu nome estava lá nos classificados. Foi um mister de sentimentos: ansiedade, nervosismo e emoção. A alegria era grande demais por essa luz no fim do túnel que estava surgindo novamente. A aula inaugural do Curso aconteceu no dia 20 de julho de 2019, esse dia ficou marcado em nossas vidas. Uma longa caminhada estava traçada em nosso caminho.

O meu sonho de ser professora naquele momento estava brotando como um botão de uma flor. Continuar os estudos e ter uma Licenciatura em Pedagogia era praticamente impossível, pois não tinha condições de pagar minha mensalidade, mas graças a Deus veio à oportunidade de ingressar na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) através do





Programa Nacional de Formação de Professores (PARFOR). Este programa veio contemplar os professores que não tinham formação, no nosso caso, muitos já estavam em sala de aula. Segundo Freire, “estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever tarefas de sujeito e não de objeto. Dessa maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele” (2001, p.10).

Como pessoas humildes sem muitas condições financeiras. Um dos momentos que chorei muito, mas que levou a ter um olhar diferenciado foi um documentário “Nunca me Sonharam”. Qual é o sentimento de um estudante, quando seus pais não têm o sonho de formar o filho numa universidade? É preciso compreender quais indicadores estão por trás dessa realidade em tempos em que estudantes não encontram sentido em frequentar o espaço escolar. Os temas eram: racismo, machismo, gravidez precoce, pobreza e violência, são questões que até hoje impactam a vida social do estudante. Isso ficou marcado em minha memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encontro com estas narrativas nos desloca e em movimento diante do rio nos redimensiona. Poetizando, finalizamos este texto na certeza de que não terminamos, ainda.

*Escuto o barulho das águas doces
E me acalmo
Escuto o barulho do barco que vem e vai.
O silêncio tem som.*

*Escuto a noite adentrando
O mundo sem corres
A pausa em si
A força das águas doces é serena
Balanço que acalma.*

*Eu escuto e vejo o infinito da vida
Do outro lado do rio
E ainda tem várzea
Terra firme ao longe.*

*Escuto e vejo outros mundos
Diversidades Amazônicas
Agradeço, agradeço, agradeço
A vida do outro lado do rio
Entremeios e balanços*





Água doce, vida, pulsar, esperançar!

+Fernanda Priscila, Urucará, Amazonas.

As águas doces e seus movimentos. A educação e o processo de formação. As narrativas de duas professoras, suas vivências e o direito à formação acadêmicas desvelam e revelam as possibilidades da educação e formação de professores nos interiores deste país e, apontam ainda, na contemporaneidade a urgência em seguirmos reivindicando o direito à educação e a necessidade de fortalecimento dos sujeitos em suas territorialidades.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Martli. *et al.* Estado da arte da formação de professores no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 68, p. 301-309, dez. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/TJLC6dqDhsWxMMmYs8pkJJy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2025

BENEVIDES, Maria Victoria. Educação em direitos humanos: de que se trata? In. BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Formação de Educadores: Desafios e perspectivas**. São Paulo, Editora UNESP, 2003, p. 309-318).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Lei n. 9.394, 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 05 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **PARFOR: Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**. Brasília; 2009.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto 7.415, de 30 de dezembro de 2010**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7415.htm. Acesso em: 06 nov. 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6755.htm. Acesso em: 06 nov. 2023.

CANDAU, Vera Maria. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v.13, n.37, p. 45-57, 2008. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5szsvwMvGSVPkGnWc67BjtC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2025.





CANDAU, Vera Maria. PAULO, Iliana; ANDRADE, Marcelo; LUCINDA, Maria da Consolação; SACAVINO, Susana; AMORIM, Biviane. **Educação em Direitos Humanos e formação de professores (as).** 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CATANI, Denise Barbara. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação em processo de formação. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Formação de Educadores: Desafios e perspectivas.** São Paulo, Editora UNESP, 2003, p. 119-130.

DEWEY, John. **Vida e Educação.** São Paulo: Melhoramentos, 1971.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito-viável. In: **Dicionário de Paulo Freire.** STRECH, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler.** 51^a-ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; Ishor, Ira. **Medo e Ousadia:** o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização** [livro eletrônico]. Tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2018. ePub.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho:** ensinar-e-aprender com sentido / Moacir Gadotti. -- 2. ed. -- São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

HOOKS, bell. **Erguer a voz:** pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo? Elefante, 2019.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação.** Tradução j. Claudino e J. Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

NETO, João Colares da Mota. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. In: ABREU, Waldir Ferreira de; OLIVEIRA, Damião Bezerra (Orgs.). **Pedagogias decoloniais, decolonialidade e práticas formativas na Amazônia.** Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 39-52.

NÓVOA, António. Devolver a formação de professores aos professores. **Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES** 11 Vitória, ES. a. 9, v. 18, n. 35, p. 11-22, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/download/4927/3772/9525>. Acesso em: 15 jun. 2025.

NÚNÉZ, Geni. **Descolonizando afetos:** experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.





OLIVEIRA, Karolayne Êndrea da Cruz. **Um olhar sobre a formação de professores no curso de Pedagogia/PARFOR em Borba/AM:** as contribuições para o desenvolvimento de uma inteligência plena. 2022. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.

OSOWSKI, Cecília Irene. Situações-limites. In: **Dicionário de Paulo Freire.** STRECH, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 384-385.

PALUDO, Conceição. Educação Popular. In: **Dicionário de Paulo Freire.** STRECH, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUÍJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y classificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs). **El giro decolonial:** reflexiones para uma diversidade epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana- Instituto Pensar, 2007, p. 93-126.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de; ALMEIDA, Joselito Brito de. Memórias de educadores baiano: semelhanças e diferenças na constituição da vida na/da escola. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição; VIVENTINI, Paula Perin (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica:** trajetórias de formação e profissionalização. Curitiba: Editora CRV, 2013, p.41-57.

SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica:** cotidiano, imaginário e memória. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008).



Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 15/08/2025	Received on: 15/08/2025
Aceito em: 18/11/2025	Accepted in: 18/11/2025
Publicado em: 04/02/2025	Published on: 04/02/2025
Conflitos de Interesse As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	Interest conflicts The authors declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT DA SILVA, Fernanda Priscila Alves; DOS SANTOS, Maria Silvana Silva; MARQUES, Neila Anjos. Tessituras dialógicas e narrativas de si de duas professoras do interior do Amazonas: formação acadêmica no PARFOR em Urucará/Amazonas. Revista Macambira , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102015. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1739	How to cite this article - ABNT DA SILVA, Fernanda Priscila Alves; DOS SANTOS, Maria Silvana Silva; MARQUES, Neila Anjos. Dialogical textures and self-narratives of two teachers from the interior of Amazonas: academic training in the PARFOR program in Urucará/Amazonas. Revista Macambira , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102015. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1739
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	Use license The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any medium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.